

ARQUEOLOGIA DISCURSIVA: UM RASTREAMENTO DOS QUATRO DISCURSOS EM ARISTÓTELES

Thiago Barbos Soares¹

Resumo: A poética, a retórica, a dialética e a lógica, campos do conhecimento humano responsáveis por fundar disciplinas relativamente autônomas e por adentrar processos metodológicos de produção de saber formal, compõem o arcabouço estruturante das ciências em geral, sendo a lógica a principal contribuinte das ciências exatas (ou da natureza), ao passo que a poética, a retórica e a dialética, como poderá ser visto mais adiante, ensejam todas as ciências humanas. É justamente no direcionamento de palmilhar como cada campo desses quatro edifica-se que aqui desenvolve-se uma arqueologia discursiva dos quatro discursos, entendendo essas áreas como produções epistemológicas dos discursos, em Aristóteles. Para a consecução do objetivo traçado para este ensaio, envereda-se, no tópico, **Arqueologia dos tipos de discurso em Aristóteles**, na discussão qualitativo-bibliográfica sobre a poética, a retórica, a dialética e a lógica, fazendo, sempre que possível e necessário, emprego de autores consagrados no cânone crítico da teoria do conhecimento aristotélica para que, por meio de tal expediente ilustrativo-argumentativo, seja gerenciada uma rede arqueológica de expressão capaz de demonstrar o seu próprio percurso na busca cotejada e analítica de uma leitura segundo a qual as estruturas discursivas da poética, da retórica, da dialética e da lógica são menos distantes umas das outras, do que se faz acreditar muitos manuais, e mais complementares, do que se dissemina atualmente em incontáveis obras relacionadas a esses campos, porque, conforme será verificado mais à frente, parecem ser, na medida do fazer humano, interligadas a demandas feitas por seus mecanismos de criação interna. Como alguns dos resultados obtidos nesta investigação, é possível apontar a atual predominância do discurso da dialética para explicar uma grande extensão de fenômenos e um início declínio da valorização do discurso da lógica na contemporaneidade.

Palavras-chave: Poética. Retórica. Dialética. Lógica. Discursos.

DISCURSIVE ARCHEOLOGY: A TRACE OF THE FOUR DISCOURSES IN ARISTOTLE

Abstract: Poetics, rhetoric, dialectics and logic, fields of human knowledge responsible for founding relatively autonomous disciplines and for entering into methodological processes of production of formal knowledge, make up the structuring framework of science in general, with logic being the main contributor to science. exact (or nature), while poetics, rhetoric and dialectics, as will be seen later, give rise to all human sciences. It is precisely in the direction of exploring how each field of these four is built that a discursive archeology of the four discourses is developed here, understanding these areas as epistemological productions of discourses, in Aristotle. To achieve the objective outlined for this essay, the topic, **Archeology of types of discourse in Aristotle**, is undertaken in the qualitative-bibliographical discussion on poetics, rhetoric, dialectics and logic, whenever possible and necessary, use of authors renowned in the critical canon of Aristotelian theory of knowledge so that, through such an illustrative-argumentative expedient, an archaeological network of expression capable of demonstrating its own path in the collated and analytical search for a reading according to which the discursive structures of poetics, rhetoric, dialectics and logic are less distant from each other, than many manuals would lead us to believe, and more complementary, than is currently disseminated in countless works related to these fields, because, as will be verified later, they seem to be, to the extent of human doing, interconnected with demands made by their internal creation mechanisms. As some of the results obtained in this investigation, it is possible to point out the current predominance of the discourse of dialectics to explain a wide range of phenomena and a beginning decline in the appreciation of the discourse of logic in contemporary times.

KEYWORDS: Poetics. Rhetoric. Dialectic. Logic. Discourses.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este ensaio possui forte razão de existir na obra “Aristóteles em nova perspectiva” (CARVALHO, 2013), segundo a qual uma leitura relativamente divergente dos quatro dispositivos discursivos previstos por Aristóteles é possível. Com esse horizonte reconhecido inicialmente, tem-se aqui o objetivo de tracejar um rastreamento de certos postulados a partir dos quais se fundam os estudos nos seguintes núcleos teóricos: poético, retórico, dialético e lógico. Em vista de tamanha propositura, pedem-se as devidas escusas aos especialistas nas áreas às quais este texto toca sem todas as necessárias ponderações, porquanto, por maior que seja seu escopo, não deixa de ser uma unidade de sentidos cujo alvo é a construção de um ensaio no interior do qual se tratam brevemente de questões, em alguma medida, já abordadas à exaustão por inúmeros outros textos, contudo o expediente ora aventado para tanto traz em seu bojo o diferencial ou pelo menos visa, como objetivo secundário a ser alcançado ao final deste manuscrito, fazê-lo.

Apontada a finalidade erigida para esta investigação, fazem-se os levantamentos epistêmicos segundo os quais a problemática aqui ventilada procura descrever para compreender. Nessa esteira em que a pedra de toque deste caminho volta-se para sua temática e seus elementos adjacentes, olha-se para a riqueza do pensamento vivo de Aristóteles e suas variadas contribuições a tantas áreas. A poética, a retórica, a dialética e a lógica, campos do conhecimento humano responsáveis por fundar disciplinas relativamente autônomas e por adentrar processos metodológicos de produção de saber formal, compõem o arcabouço estruturante das ciências em geral, sendo a lógica a principal contribuinte das ciências exatas (ou da natureza)², ao passo que a poética, a retórica e a dialética, como poderá ser visto mais adiante, ensejam todas as ciências humanas. É justamente no direcionamento de palmilhar como cada campo desses quatro edifica-se que aqui desenvolve-se uma arqueologia discursiva dos quatro discursos, entendendo essas áreas como produções epistemológicas dos discursos, em Aristóteles.

Para a consecução do objetivo traçado para este ensaio, envereda-se, no próximo tópico, **Arqueologia dos tipos de discurso em Aristóteles**, na discussão qualitativo-bibliográfica sobre a poética, a retórica, a dialética e a lógica, fazendo, sempre que possível e necessário,

² As nomenclaturas, por mais especializadas que hoje sejam, não se tornam uma questão relevante para este ensaio, pois, ainda que houvesse uma divisão das ciências à moda antiga, ciências do espírito e ciências da natureza, atualmente as ciências biológicas, humanas e exatas dão conta de praticamente os mesmos fenômenos de suas anteriores designações.

emprego de autores consagrados no cânone crítico da teoria do conhecimento aristotélica para que, por meio de tal expediente ilustrativo-argumentativo, seja gerenciada uma rede arqueológica de expressão capaz de demonstrar o seu próprio percurso na busca cotejada e analítica de uma leitura segundo a qual as estruturas discursivas da poética, da retórica, da dialética e da lógica são menos distantes umas das outras, do que se faz acreditar muitos manuais, e mais complementares, do que se dissemina atualmente em incontáveis obras relacionadas a esses campos, porque, conforme será verificado mais à frente, parecem ser, na medida do fazer humano, interligadas a demandas feitas por seus mecanismos de criação interna.

ARQUEOLOGIA DOS TIPOS DE DISCURSO EM ARISTÓTELES

Nesta seção, na qual a problemática traçada volta-se para o processo de compreensão dos tipos de discursos existentes na obra do estagirita, importa, inicialmente, delinear uma concepção de discurso distinta, em boa medida, daquela aristotélica, pois esse expediente possui o mecanismo de aproximação e distanciamento do que atualmente se concebe como discurso em relação à produção teórica dos quadros da poética, da retórica, da dialética e da lógica. Nesse direcionamento, pode-se mencionar o discurso como uma prática social a partir da qual se utiliza a linguagem para confeccionar e disseminar sentidos. Com o intuito de apresentar as noções de língua que se ultrapassam para gerar a entidade do discurso contemporâneo, Soares (2023) perfaz o caminho da linguística segundo o qual a língua já foi considerada espelho do mundo; ela ainda é conceituada como instrumento de comunicação; por último, Soares (2023) argumenta que a língua é “lugar de ação ou interação” (SOARES, 2023, p. 176).

Como uma matriz teórica capaz de fazer da língua, ora um espelho do mundo, ora ferramenta de comunicação, ora um lugar de interação, afeta os processos comunicacionais e, por conseguinte, desenvolve-se toda uma epistemologia para fundamentá-la funciona de modo relativamente próximo à tipologia apregoada por Aristóteles quanto à poética, à retórica, à dialética e à lógica. Com efeito, a própria noção contemporânea de discurso, muito em voga em diversas ciências da linguagem, está, como método de análise e compreensão de fenômenos correlatos, em débito com a dialética. Todavia, como esse apontamento pode ser feito mais à frente, cabe agora localizar a diferenciação no emprego de discurso para os quatro movimentos de organização sistemática do raciocínio e seu aparato estrutural, feitos pelo estagirita, da

moderna utilização de discurso, como descrito anteriormente. Em termos explicativos, a formalização do pensamento de Aristóteles, segundo categorias construídas por ele mesmo, favorece a noção de discurso, assimetricamente às visões de língua, para as quatro estruturas: poética, retórica, dialética e lógica.

Para abordar a poética, em Aristóteles, para além de dizer que se trata de uma obra, como a retórica possui seu livro homônimo – assim como a dialética possui a “Tópica” e a lógica possui “Os primeiros analíticos” – é preciso afirmar seu caráter descritivo interpretativo segundo o qual se arquiteta uma ciência da produção da possibilidade. Nesse direcionamento, Carvalho (2013) afiança: “O discurso poético versa sobre o possível, dirigindo-se sobretudo à imaginação, que capta aquilo que ela mesma presume” (CARVALHO, 2013, p. 30). Portanto, é permitido afirmar que a poética volta-se para aquilo que representa, por meio da linguagem, determinados fenômenos do mundo empírico ou mesmo do mundo imaginativo na medida que, com base em dados encontrados na realidade observacional, cria o “novo” ancorado no já conhecido.

No horizonte delineado pela perspectiva acima, a poética, como um discurso, está engendrada pela captação dos sistemas de linguagem na recriação de sentidos. Conforme explica Höffe (2008) “Todavia, o conceito estético fundamental da poética chama-se mimese e soa antes, segundo uma teoria literária pré-moderna, primeiramente na tradução como imitação” (HÖFFE, 2008, p. 67). O próprio estagirita, ao referir-se ao núcleo sob o qual a ciência poética estabelece-se, diz: “Como os imitadores imitam pessoas em ação, e estas são de boa ou de má índole, sucede que, necessariamente, os poetas imitam homens melhores, ou piores, ou então iguais a nós” (ARISTÓTELES, 2004, p. 31). Eis a razão pela qual a poética compreende a produção humana que imita ou cria a realidade, sem necessariamente o compromisso de identificar-se fidedignamente com essa. Cabe ao interlocutor do discurso poético, como produto, segundo Carvalho (2013), “afrouxar sua exigência de verossimilhança para captar a verdade universal que pode estar sugerida mesmo por uma narrativa aparentemente inverossímil” (CARVALHO, 2013, p. 32). Em outros termos mais explícitos, o âmbito de atuação da mimese precisa que seu público reconheça que, por mais próximo da realidade que possa parecer, trata-se do reino do possível ou imaginável.

Ora, como aparato de interpretação, conforme explica Carvalho (2013), “A poética estuda os meios pelos quais o discurso poético abre à imaginação o reino do possível” (CARVALHO, 2013, p. 32). Tal propriedade fundamenta-se na sondagem da verossimilhança do discurso

poético, produto da mimese humana, com sua contrapartida empírica e vivencial, já que um é fonte para as tecituras do outro. Um dos melhores exemplos do discurso poético é a própria literatura, uma vez que dá vazão ao processo imitativo, fiando-se inexoravelmente na realidade concreta. Ao passo que, por sua vez, o discurso da retórica, organiza-se sob uma ótica uma tanto quanto distinta da poética, porquanto se localiza na crença e na anuência dessa por parte do interlocutor. Nesse direcionamento, Aristóteles (s/d) assevera: “Sendo manifesto que o método hábil estriba em provas; que a prova é uma demonstração – pois que a nossa confiança é tanto mais firme quanto mais convencidos estivermos de ter obtido uma demonstração” (ARISTÓTELES, s/d, p. 30)³. Assim, a convicção já é marcada como parte do regimento da retórica sob o prisma segundo o qual a organização de seu referencial circunda tanto a verossimilhança quanto o convencimento.

O discurso da retórica propõe-se a, por meio de sinais ancorados na observação, mesmo que parcial, persuadir aquele quem é seu alvo. Para alcançar tal propositura, Aristóteles (s/d) afirma: “a demonstração da retórica é o entimema – este fornece, em resumo, a convicção mais decisiva” (ARISTÓTELES, s/d, p. 30). O entimema do qual trata o estagirita o entimema é derivado das probabilidades e dos sinais que podem ser erigidos em determinados raciocínios, como, por exemplo, no enunciado “Um sinal de que os sábios são justos é que Sócrates era sábio e justo”, pois dele se faz uma generalização, em um nível silogístico, de um homem grego, do mundo antigo, Sócrates. De posse dessa abstração no horizonte traçado pela construção linguística, recursivamente se atribui tanto a sabedoria e a justeza dela a todos que tiverem a primeira e, por extensão, deverão ter a segunda característica. Esse expediente é um recurso fundamental para processos de generalização cuja falta de critérios bem delineados pode gerar enormes equívocos.

A retórica, como é possível constatar na obra de Aristóteles e de muitas de suas derivadas, integra a conjuntura comunicativa segundo a qual o escopo colimado visa desenvolver a adesão a um ou mais posicionamentos postulados no lastro discursivo do raciocínio ao qual se vincula, em seu emprego prático. Em outros termos, a utilização das diversas técnicas propostas pelo discurso da retórica não apenas objetiva convencer o interlocutor, mas, mormente, fazê-lo por

³ Como extensão do uso da retórica, tem a oratória. Um exemplo dessa é descrito por Horácio (2014): “Na oratória, os panegíricos, os discursos de solenidades e aparato, encerra do começo ao fim dignidade e elevação, mas em geral falta-lhes emoção” (HORÁCIO, 2014, p. 78).

meio da verossimilhança⁴. Como é possível observar na apurada descrição de Carvalho (2013), “O discurso retórico tem por objeto o verossímil e por meta a produção de uma crença firme que supõe, para além da mera presunção imaginativa, a anuência da vontade” (CARVALHO, 2013, p. 30). Eis que, a partir desse apontamento que se soma ao quadro conjuntural da descrição do discurso da retórica, coloca-se no horizonte a disposição da retórica em relação à própria poética, já que ambas fazem ampla utilização da verossimilhança em suas estratégias de comunicação.

O discurso poético, ao contrário do retórico, não carece da mobilização da expressão adesiva de seu interlocutor, já que seu objetivo traceja a alusão ao mundo onírico ou empírico, ou seja, trata-se, grosso modo, da ficção. Se, por um lado, a verossimilhança posta em marcha pela poética faz frequente referência à experiência humana, por outro lado, uma parte de sua discursividade aborda as fronteiras das vivências, distanciando-se do já conhecido (ficções utópicas, diatópicas, científicas etc.). Nesse direcionamento explicativo, o discurso poético, por meio de sua mimese, por servir prioritariamente à fruição imaginativa, fundamenta-se nesse âmbito de atuação, ao passo que o discurso retórico faz uso de sinais verossimilhantes para angariar, de seu público, a adesão a suas ideais. Em função de tal estrutura, simplificada aqui para fins didáticos, a retórica e suas facetas de convencimento fazem amplo e largo uso direcionado dos sentimentos do interlocutor. A esse respeito, Carvalho (2013) alude explicitando: “Se a poesia tinha como resultado uma *impressão*, o discurso retórico deve produzir uma *decisão*, mostrando que ela é a mais adequada ou conveniente dentro de um determinado quadro de crenças admitidas” (CARVALHO, 2013, p. 30; *itálicos do autor*).

Ainda há, para a compreensão macro dinâmica da retórica, outro aspecto significativo que se deve levar em consideração: a construção do juízo ou raciocínio. No interior do plano do discurso da retórica, como bem lembra Höffe (2008), é importante destacar: “Para uma retórica comprometida com verossímil, contam, além do caráter do orador e da capacidade de despertar paixões, os seus argumentos” (HÖFFE, 2008, p. 64). Os argumentos, como construções linguísticas, pressupõem uma série de conjuntos de crenças nas quais podem basear-se, de modo que suas premissas podem ser falsas ou verdadeiras, a depender das condições de verificabilidade, e, ainda, sim, produzir raciocínios pretensamente corretos ou factual. Para a investigação desse processo, Aristóteles estrutura outro discurso com a

⁴ Tal expediente parece, a depender da chave de leitura, desbaratar uma hipótese corrente, na qual se ancora a crítica ao convencimento mediado por métodos próprios a essa finalidade, pois se aproxima do discurso da dialética, sendo esse o discurso vigente na contemporaneidade das ciências humanas e suas correlatas.

propositura de entender a forma por meio da qual uma espécie de “diálogo” entre premissas poder engendrar uma probabilidade de um juízo.

No horizonte delineado acima pela concepção de dialética, tem-se que sua estrutura, ao contrário da retórica, funciona por meio da verificação. Conforme ressalta Carvalho (2013), “O discurso dialético já não se limita a sugerir ou impor uma crença, mas submeter as crenças à prova, mediante ensaios e tentativas de transpassá-las por objeções” (CARVALHO, 2013, p. 30). Ora, se a retórica, como método de convencimento ou persuasão do interlocutor, impõe uma perspectiva, a dialética, por sua vez, faz com que essa seja testada para que, por esse expediente, tal compreensão seja, portanto, validada. Vista por esse prisma ilustrativo, de cunho comparador, a dialética parece ultrapassar a estratégia de construção de juízos da retórica, já que demanda uma complementaridade de oposições para chegar a uma ideia conclusiva. Em vista de tal característica propositiva, a dialética pode ser concebida, de acordo com Carvalho (2013), da seguinte forma: “É o pensamento que vai e vem, por vias transversas, buscando a verdade entre os erros e o erro entre as verdades” (CARVALHO, 2013, p. 30).

Importa destacar que, para além desenvolver seu próprio critério de verificabilidade de juízos, o discurso da dialética engendra, no interior de sua proposta, o teste de ideais por ideais já validadas. Acerca desse ponto em específico sobre a dialética, Höffe (2008) sustenta que: “Afinal, as *endoxa*⁵ valem não como critério para a verdade, mas certamente como uma pressuposição, com base na qual se prova a verdade de pressuposições” (HÖFFE, 2008, p. 57). Esse elemento constituinte da metodologia empregada para construção dialética faz dela uma provável estrutura de pressuposições verificáveis cuja conclusão é uma falácia, ou seja, pode-se alcançar, mediante um raciocínio dialético, um equívoco dialético. Um exemplo, inclusive empregado por Aristóteles, é: Todo homem é mortal (premissa inicial), Sócrates é um homem (premissa secundária), logo, Sócrates é mortal (conclusão). Se é possível chegar a um resultado verificável, portanto, verdadeiro, também é possível um tipo de consequência inadequada. Um exemplo do problema dialético é: Crianças são legais (premissa inicial), Esmael é criança (premissa secundária), logo, Esmael é legal (conclusão).

Cabe salientar que, por mais que o discurso dialético seja amplamente empregado em diversos espaços de argumentação, possui algumas fragilidades, pois, conforme a sugestão do estagirita sobre o método de verificação de premissas de um raciocínio, “Debemos examinar, em primer lugar, si las unidades son compatibles o incompatibles; y, en caso de que sean

⁵ O próprio autor, Höffe (2008), explica, com base nas obras de Aristóteles, que esse termo, advindo do grego, possui o sentido de “proposições prováveis”.

incompatibles, en cual de los modos de hemos distinguido”⁶ (ARISTÓTELES, 2000, p. 574). Não havendo tal comprometimento da formulação dialética, há, necessariamente, a produção do equívoco. Todavia, também é significativo apontar o fato de que a dialética, na maioria das vezes colocada em marcha, é conjuntural ou pelo menos apela para a dimensão axiológica implicada ao conjunto de ideias de seu articulador, como, por exemplo, no caso do célebre enunciado de Marx, “A luta de classes é o motor da história”, no qual se instaura a visão segundo uma perspectiva sociológica de universalização de bens e seus derivados. Em outros termos, a direcionalidade da proposta do discurso dialético é frequentemente dependente de probabilidades, cujas condições de verificabilidade nem sempre são acessíveis.

Em sentido distinto da dialética, a lógica, com seu objetivo inexorável de alcançar o estado de certeza inalienável, encampa seu próprio mecanismo de verificação de suas proposições. Nesse direcionamento, Carvalho (2013) expõe, didaticamente, a seguinte condição: “O discurso lógico ou analítico, finalmente, partindo sempre de premissas admitidas como indiscutivelmente certas, chega, pelo encadeamento silogístico⁷, à demonstração certa da veracidade das conclusões” (CARVALHO, 2013, p. 30-31). Diante de tal elucidação precisa, não é difícil perceber a diferença qualitativa entre o discurso da dialética e o da lógica, porquanto a primeira carece de condicionantes para atingir um grau de probabilidade, ao passo que segunda lida apenas com enunciados comprovadamente corretos. A lógica, como descrita no conjunto dos escritos de Aristóteles, fundamenta-se, então, na busca pela certeza incontestável.

Visto que o discurso da lógica carrega em seu interior a precisão para que seus resultados sejam irrefutáveis, Höffe (2008) afiança: “Aristóteles constrói a lógica como ciência própria: clara, fundamental, praticamente impecável e, pela primeira vez, com elementos de uma linguagem lógica artificial⁸” (HÖFFE, 2008, p. 50). Todavia, por mais capacitado que seja o discurso lógico ou analítico, há um problema de ordem comunicacional em sua eficácia, a saber: o seu público. Se esse não tiver as mínimas condições para entendê-lo, tanto a metalinguagem empregada e demais procedimentos serão percebidos, quando muito, como jogos de palavras. A esse respeito, Carvalho (2013) afirma: “Dito de outro modo, o discurso analítico só pode

⁶ Em tradução livre: “Devemos examinar, em primeiro lugar, se as unidades são compatíveis ou incompatíveis; e, no caso de serem incompatíveis, em qualquer um dos modos de serem distintos”.

⁷ Esse é, de forma bastante simplificada, o método aristotélico, do qual se extrai alguma consideração, da relação entre sentenças: premissa I, premissa II e conclusão.

⁸ Ao se referir à linguagem artificial, o autor volta-se para a metalinguagem criada pelos estagirita para tratar das ferramentas de verificação lógica das premissas. Essas não serão alvo de investigação neste ensaio.

funcionar quando trata de verdades muito gerais para um público geral ou de verdades específicas para um público muito especializado” (CARVALHO, 2013, p. 83). Ele ainda destaca: “A credibilidade do discurso analítico depende, em última análise, da capacidade científica do auditório” (CARVALHO, 2013, p. 83). Todo aparato possível de demonstração, construído pela lógica, serve pouco ou cai por terra sem um preparo adequado de seu interlocutor.

Ainda que, do ponto de vista da recepção do discurso da lógica, haja esse tipo de fragilidade, importa, para este recenseamento arqueológico, compreender parte de seu funcionamento interno mediante algumas considerações teóricas. A título de ilustração epistêmica desse discurso, e seus procedimentos, Aristóteles (2000) assevera: “Pues decir que lo que es no es o que lo que no es es, es erróneo; pero decir que lo que es es y que lo que no es no es, es verdadero”⁹ (ARISTÓTELES, 2000, p. 240). Ora, eis aí o germe do princípio da identidade¹⁰, que possui a marca de ser inegável. Carvalho (2021), para encetar uma explicação sobre a identidade, diz: “Nesta fórmula, repito o signo A, mas para me referir ao mesmo significado: $A1=A2=A$ ” (CARVALHO, 2021, p. 64). Ele continua tracejando a evidência da identidade: “Se, porém, tento negar o princípio de identidade e digo, portanto, que $A \neq A$, então já não repito simplesmente dos signos do mesmo significado, e sim uso dois signos diferentes para dois significados diferentes: $A1 \neq A2$ ” (CARVALHO, 2021, p. 64). Quer dizer, o princípio da identidade refere-se a um ser nomeado que deve ser idêntico a si próprio e sua negação é outra entidade que não ele mesmo.

A lógica, por conta de sua principal característica de verificação da identidade, acima descrita, parte de pressuposto estabilizados, cuja dependência da anuência do interlocutor dá-se apenas para fins de compreensão, voltados para determinações de fenômenos comprovadamente observáveis por todos guiados por tais postulados lógicos. Em função dessa caracterização acerca do funcionamento do discurso da lógica, tem-se a particularidade distinguível dos discursos anteriores, sendo justamente essa a produção do que se chama de verdade científica. Ainda que alguém teimasse em afirmar que a verdade é uma construção social que é, por sua vez, dependente de circunstâncias específicas para sua formulação – algo tão à contemporânea –, o discurso da lógica traça sua metodologia invariável para encontrar

⁹ Em tradução livre: “Bem, dizer que o que é não é o que é o que não é, é errado; mas dizer que o que é e que o que não é, não é, é verdade”.

¹⁰ O princípio de identidade é auto evidente por ser alcançado por todos e qualquer um. Ainda que não seja profundamente abordado neste texto, algumas de suas principais características, de forma simplificada, as são.

conclusões imutáveis. Para apontar, explicativamente, esse caminho advindo do princípio de identidade da lógica, Carvalho (2021) assevera: “É claro, então, que o fluxo permanente de todas as coisas não afeta o princípio de identidade, apenas a percepção dos estados e dos acidentes” (CARVALHO, 2021, p. 68). É por essa razão que, a esse respeito, Carvalho (2013) sustenta: “(...) a lógica ou analítica estuda os meios da demonstração apodítica ou certeza científica” (CARVALHO, 2013, p. 31).

A lógica e sua construção de sentidos factuais podem ser percebidas no compromisso adquirido pela representação rígida que os usos da língua fazem de suas estruturas sintático-semânticas. Como exemplo desse traço lógico, cujo princípio de identidade faz eco funcional, tem-se o verbo “beber”, que seleciona em seu sujeito o atributo “animal” – ou seja, o ser precisa ser animado o suficiente para realizar a ação prevista – para referir-se a um líquido como seu complemento. Assim, para utilizar uma linguagem técnica, no eixo sintagmático, o enunciado “Álvares bebeu água” concretiza todas as condições necessárias para a criação de uma sentença com sujeito e objeto eleitos, em primeira instância, pela ação descrita e, em segunda estância, pelo enunciador, que escolheu quem bebeu e o que foi bebido. Segundo a seletividade lógica do verbo “beber” o enunciado ilustrativo está correto, pois, como Aristóteles afirma, “Quando afirma o niega componiendo sujeto y predicado de certo modo, disse la verdade; pero cuando lo hace de outro modo, disse el error”¹¹ (ARISTÓTELES, 2000, p. 240). Entretanto, os usos da língua, com seu estatuto relativamente dialético, retórico e poético, promovem a subversão do princípio de seletividade argumentativa do verbo.

Quando se diz que o “Solo bebeu toda a água da chuva”, feriu-se a seletividade lógica da ação para, conforme à conjuntura de ocorrência do enunciado, proferir uma ação de absorção da água pluvial por parte do solo. Em outros termos, o princípio de seletividade argumentativa, que está presente em muitos verbos, é um dos integrantes da propositura do discurso da lógica existentes no sistema linguístico, mas que, por esse ser dependente em muitos casos, da situação concreta de enunciação, produz aproximações dialéticas, retóricas ou mesmo poéticas, como no caso do “solo beber água”, cujo sentido precisa ultrapassar a compreensão lógica de apreensão representativa dos fenômenos empíricos do mundo para atingir tácitas comparações fantasiosas nas quais um ser inanimado realiza uma ação inerentemente animada. Portanto, em hipótese alguma, dizer que um enunciado fere princípios lógicos significa afirmar que lhe falte

¹¹ Em tradução livre: “Quando se afirma ou se nega o componente do sujeito e predicado de certa forma, diz a verdade; mas quando se faz de outra forma, erra-se”.

sentido, ao contrário, pode querer expressar que a ação representada, ainda que não compactue com a lógica mais rígida, seja da ordem da aproximação e, por essa razão suficiente, não seja precisa, porém encontra-se eivada de sentido, como bem demonstram os objetivos dos discursos da poética, da retórica e da dialética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista da propositura traçada para esta investigação, pode-se afirmar que foi alcançada, porém não tão satisfatoriamente quanto seu planejamento abstrato preliminar à escrita. A discussão qualitativo-bibliográfica, na direção de uma arqueologia discursiva, sobre a poética, a retórica, a dialética e a lógica, que foi levantada, frutifica-se, como um sopro de chegada da primavera, em um ensaio cujo principal de seus defeitos seja a apresentação planejada de quatro dos grandes instrumentos discursivos de apreensão de fenômenos de distintas naturezas. Desse prisma, um texto que pode ser um sumário imperfeito da poética, da retórica, da dialética e da lógica já é um texto com alguma importância, pois, ora sua dialética interna sirva para aludir elementos contraditórios, ora sua retórica estrutural valha para convencer quem o queira, ora sua poética inexistente faça seu leitor apaixonar-se pelo fazer criativo.

Para além dos eventuais deslizes aqui cometidos, alguns intencionais outros desconhecidos, ressaltasse fortemente que não se pretendeu dar mais destaque a nenhum dos quatro discursos aristotélicos, ainda que isso possa ser alguns dos efeitos deste texto, já que se reconheceu, cada qual, com seu objetivo que, por sua vez, dá vazão a um conjunto de expedientes interpretativos relativamente distintos. Se o discurso da poética, com toda a sua produção associada, é responsável pela percepção afunilada da arquitetura artística, o discurso da retórica, com seu arcabouço de técnicas, é estruturante da famosa arte da persuasão, ao passo que o discurso da dialética, esse com todo seu desenvolvimento histórico, é na atualidade um dos principais difusores do saber em ciências humanas contemporâneas e, assim, o discurso da lógica, com sua capacidade matematizável, cada vez mais surpreende quem empreende o ardo ato de ensinar e, sobretudo, de pesquisar com seriedade.

Em um direcionamento crítico de eventuais problemas advindos do amplo emprego da dialética, pode-se citar o discurso relativista (SOARES, 2023) capaz de gestar o negacionismo científico e, por conseguinte, dar azo a inúmeras inverdades ou verdades parciais tomadas como absolutas. O discurso da dialética, como foi verificado sinteticamente neste ensaio, é altamente profícuo, bem como os discursos da retórica e da poética, porém esses demandam, assim como o discurso da lógica, de uma série de fatores para ganharem aderência do corpo social e

tornarem-se predominantes, ao passo que a dialética, em grande medida, parece ter hodiernamente o gosto do mais fácil e do mais “rápido”, sendo, como um olhar atento pode comprovar, mais facilmente incorporada às agendas de modificação do circuito coletivo. Em vista dessas características, a lógica, com seu arcabouço de produção de provas “inabaláveis”, porque são sempre verificáveis sob a mesma ótica, gradualmente vem cedendo seu espaço para a dialética.

Eis aqui o último parecer emitido neste texto, que pode trazer ao seu autor pechas que lhe desgostem ou mesmo que não condigam com seu próprio posicionamento. Quando a dialética, em sua plenitude, aliada às teorias do discurso, essas com estatuto teórico-metodológico instaurados por esse referencial descrito por Aristóteles, substituir a lógica ou suprir-lhe os devidos espaços de seu funcionamento, ter-se-á uma problemática social no interior da qual todos podem estar corretos, ao passo que uma verdade condicionada por condições acessíveis a qualquer um será, a depender da conjuntura na qual for buscada, um completo absurdo ou mesmo um arcaísmo retrógrado. Talvez o momento no qual fake news alcançaram o estatuto de desinformação – algo semelhante à mentira com efeito de verdade – seja possível vislumbrar o início de um possível desdobramento qualitativo do que essa apreciação final visa apontar, porém, talvez, por meio de um expediente altamente elaborado, seja possível afirmar que aqui apenas se subverteu um conjunto de preceitos clássicos. Talvez a realidade, e tudo que nela se encontra, seja uma mera construção social.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. Hernán Zucchi. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2000.

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Baby Abrão. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

ARISTÓTELES. **Arte retórica**. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Ediouro, s/d.

CARVALHO, O. **Aristóteles em nova perspectiva: introdução à teoria dos quatro discursos**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2013.

CARVALHO, O. **Inteligência e verdade: ensaios de filosofia**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.

HÖFFE, T. **Aristóteles**. Trad. Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HORÁCIO. Arte poética. In: ARISTÓTELES. HORÁRIO. LONGINO. **A poética clássica.**
Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2014.

SOARES, T. B. Os limites da interpretação: uma reflexão sobre os usos da noção de discurso.
Ratio Integralis. v. 3, n. 2, ano 3, 2023. Disponível em: <https://zenodo.org/records/10401322>.
Acesso em: 16 abr. 2024.

Recebido: 06 de maio de 2024.
Aceito: 21 de julho de 2024.